

NARRATIVAS IMAGÉTICAS DE PROFESSORAS: Produção de outras existências negras possíveis

Maíra Mello¹

Maria da Conceição Silva Sores²

Eu vou andando pelo mundo como posso
E me refaço em cada passo dado
Eu faço o que devo, e acho...
Acalanto, *Luedji Luna*

A utilização de imagens (fotográficas e/ou fílmicas) nas pesquisas em diversas áreas das Ciências Sociais, como nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos em Educação, acompanha a necessidade de se produzir um modo de apresentação/representação do outro pesquisado não mais enquanto objeto de estudo, mas como sujeito que tece conhecimentos e significações em uma relação intersubjetiva com o pesquisador. A partir desse viés, o uso de narrativas em textos escritos como principal dispositivo para as pesquisas da alteridade, passa a ser questionado, especialmente quando esses textos se propõem a criar imagens sobre o outro e sua cultura, sua forma de vida e representação sobre ela, a partir unicamente do campo de visão do pesquisador. Com o uso das imagens de si, criadas conforme as performances escolhidas pelos pesquisados, buscamos criar um dispositivo de pesquisa em que os sujeitos, ao fabularem por e sobre si, levam-nos a pensar com Gonçalves e Head (2009) em possibilidades de autoapresentação e autorrepresentação. Os autores apontam que o audiovisual seria um caminho, mas, em diálogo com Certeau (2014), defendemos que esse recurso depende dos usos que se faz deles, pois muitas pesquisas que utilizam tanto documentários, como fotografias, acabam também criando um imaginário, apresentando e representando o outro ainda como objeto de estudo e de forma simplesmente expositiva e estereotipada.

Com a autoapresentação e autorrepresentação, não é mais o pesquisador falando sobre o outro, mas o sujeito na pesquisa falando por si, fabulando, criando, reinventando, interpretando e produzindo novos conhecimentos e significações sobre sua existência, num processo em que os autores vão chamar de *devir-imagético*.

Assim, a conceituação de *devir-imagético* problematiza conceitos-chave do pensamento sociológico clássico como o individual e o

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: mmello05@gmail.com.

² Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Uerj; Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Uerj. Doutora em Educação. E-mail: ceicavix@gmail.com

coletivo, o sujeito e a cultura ao abrir espaço para a individualidade ou imaginação pessoal criativa que passa a formular uma fabulação de si como forma de auto-representação (sic). O indivíduo, a partir de sua potência de individuação enquanto manifestação criativa e através de sua interpretação pessoal, pode se auto-representar (sic) como pertencente a um mundo cultural que se constitui no momento mesmo de sua apresentação (GONÇALVES; HEAD, 2009, p. 25-26).

Em nosso grupo de pesquisa Currículos, Narrativas Audiovisuais e Diferença – CUNADI -, fazemos uso das audiovisualidades como dispositivo de pesquisa-intervenção, entendendo-as como práticas de criação, fabulação e invenção de si (KASTRUP, 2007) e como um processo virtual que engendra outras percepções de mundo. Criação, não no sentido de criatividade, mas como espaço de problematização para pensarmos as implicações e, conseqüentemente, soluções, como processo de aprendizagem para além do já sabido. “Audiovisualidades são, portanto, virtualidades audiovisuais” (KILPP, 2010, p. 29).

Dialogando com Conceição Soares (2016), como praticantes dos cotidianos (CERTEAU, 2014), fazemos uso das audiovisualidades para criar narrativas outras na pesquisa acadêmica.

O audiovisual como dispositivo para a pesquisa-intervenção nos/com os cotidianos das redes educativas opera como um produtor/disparador/desencadeador de sentimentos, sensações, significações e experiências estéticas partilháveis que, problematizados em rodas de conversas e/ou no entrelaçamento com diferentes redes de saberes-fazer, tanto nos espaços-tempos da recepção como da produção, impulsiona a problematização e a negociação de sentidos em relação ao que nos toca, ao que nos afeta, ao que nos agencia, ao que nos constitui. Praticar as audiovisualidades em contextos escolares possibilita questionar modelizações e engendrar outros modos de conhecer e de se constituir, para além daqueles hegemonicamente fixados conforme os interesses do capital, dos mercados e do biopoder (SOARES, 2016, p. 92).

Cruzando as ideias de Gonçalves&Head (2009), Certeau (2014), Kilpp (2010), Kastrup (2007) e Soares (2016), na pesquisa sobre a qual se trata este texto, usamos a fotografia como dispositivo de pesquisa-intervenção para apresentar, discutir e problematizar junto a algumas docentes que se autoidentificam como negras, como seus corpos femininos racializado se constituem, são constituídos, marcados, vigiados, controlados no *dentrofora* da escola; como eles afetam e são afetados pelos cotidianos escolares; e como eles produzem novos currículos, problematizando as interseccionalidades envolvendo raça, gênero e docência, a partir da produção de novas imagens sobre si que desconstruem os conhecimentos e significações

hegemônicos acerca de seus corpos racializados. Nessa perspectiva, as fotos foram disparadores de problematizações, compondo e impulsionando outras interpretações sobre ser mulher, ser mulher negra, ser mulher negra professora.

Tanto a narrativa verbal, quanto a imagética, funcionam não como representação do real, mas como fabulação sobre o real e criação de outras formas de existência possíveis. Mais uma vez, Soares (2010), em diálogo com Certeau (2014), nos aponta a importância dos usos da fotografia nas pesquisas “como potência para a produção de *teoriaspráticas* que visem à compreensão e a invenção do vivido” (SOARES, 2010, p. 70).

O processo de fazer uma foto, seja em um autorretrato, uma *selfie* ou como referente³, o ato fotográfico, já é um momento de fabulação de si. Ao ficarmos em frente à câmera, mudamos nossos gestos, nossa postura, nossa maneira de nos colocarmos, de forma que a imagem corresponda àquilo que queremos mostrar e como queremos ser vistos e nos dar a ver. Roland Barthes (2015), em *A Câmara Clara*, traz essa sensação por meio de sua própria experiência. Ao saber que seria fotografado, Barthes relata que sua forma de estar, naquele momento, mudou, criando-se novas possibilidades de ser. “Ora, a partir do momento que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: ponho-me a “posar”, fabrico-me instantaneamente outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem” (BARTHES, 2015, p.18). Metamorfosear-se em imagem é colocar-se em fabulação, em processo de devir-imagético.

Nesse contexto, entendemos que com nossas pesquisas com os cotidianos buscamos refletir sobre os processos de constituição dos sujeitos a partir de suas práticas nas múltiplas redes educativas, *dentrofora* das escolas, em constante invenção e reinvenção da própria existência (ALVES, 2008, 2010; KASTRUP, 2005, 2007) no mundo.

O processo de produção das fotografias

Com recursos do financiamento da bolsa Cientista Nosso Estado, concedida pela FAPERJ à coordenadora do grupo, montamos um estúdio fotográfico no bairro do Rocha, no município do Rio de Janeiro, para realização dos ensaios fotográficos. A escolha do local foi a proximidade com a Universidade do Estado do Rio do Janeiro (UERJ) e o fácil acesso de transporte para as interlocutoras da pesquisa. A discussão inicial era problematizar o feminino e a docência a partir de ideias, imagens, imaginários e estereótipos produzidos cultural e socialmente sobre o que é ser uma professora – significados associados à delicadeza, ao cuidado afetivo e à maternidade. Ao interseccionarmos com a questão racial, alguns apontamentos surgiram sobre outros significados atribuídos ao corpo feminino negro que não o inseriam na profissão de docente, pois, ao pensarmos em mulheres negras,

³ Termo usado por Roland Barthes para se referir ao objeto ou pessoa fotografada, sem a qual não existira a foto.

desmistificamos o mito da fragilidade feminina (CARNEIRO, 2003). Junto às docentes, refletimos sobre quais saberes-poderes produzem e são produzidos na criação de uma imagem, um rosto (DELEUZE; GUATTARI, 2012), um padrão, um perfil, uma referência, um estereótipo do que é ser uma professora.

Todo o contexto da escravidão e pós-escravidão, a produção de significados atribuídos ao corpo da mulher negra, desde então perpetuados, e os lugares reservados a ela, produziu uma imagem da mulher negra negativa e pejorativa, que não ‘conversa’ com o significante mulher docente. Para mulheres negras, ser professora é um ato de subversão e transgressão, indo contra uma sociedade que não reconhece nem a existência da população negra/racializada, quem dirá sua posição social. Gomes (1996), em sua pesquisa gênero, trabalho e raça, também traz a discussão acerca das mulheres negras que subvertem esse caminho naturalizado e seguem para a docência.

Essas mulheres negras, ao se tornarem professoras, “saíram do seu lugar”, isto é, do lugar predestinado por um pensamento racista e pelas condições sócio-econômicas da maioria da população negra brasileira – o lugar da doméstica, da lavadeira, da passadeira, daquela que realiza serviços gerais –, para ocuparem uma posição que, por mais questionada que seja, ainda é vista como possuidora de status social e está relacionada a um importante instrumento: o saber formal (GOMES, 1996, p. 77-78).

Pensando na desconstrução desse estereótipo da mulher negra, em cruzamento com o rosto-professora, socialmente agenciado, as docentes criaram outras imagens durante os ensaios, a partir da potência de seus corpos, das práticas, dos desejos, dos valores, dos *saberesfazeres* e das crenças, enfim, de suas singularidades, utilizando elementos que levaram para os ensaios: objetos pessoais, roupas, materiais escolares, *laptop*, brinquedo, livros, acessórios diversos, entre outros, fabulando outras subjetividades e outros imaginários relacionados à mulher negra professora. Não tivemos o intuito de produzir uma imagem do real, mas sim de ficcionar, a partir de um rosto pré-existente, novas imagens possíveis.

O estúdio tinha uma estrutura padrão: todo preto. No entanto, tanto os integrantes do grupo, quanto as interlocutoras da pesquisa, poderiam mudar o fundo das fotos, com outras cores, até criando cenários. Das cinco docentes que participaram desta pesquisa, apenas uma criou um pequeno cenário para uma das fotografias, com folhas pelo chão e água, remetendo a Oxum – orixá da religião iorubá. Optamos em manter o fundo preto pensando na estética fotográfica, de modo que ao projetarmos a luz sobre as professoras, elas ‘saltassem’ das fotos, dando total destaque a seus corpos e ao que elas queriam apresentar e narrar com as imagens.

As fotografias foram feitas no formato retrato, partindo das ideias da pesquisadora Maria Teresa Ferreira Bastos (2007) em sua tese sobre o *portrait*⁴

⁴ Origem francesa do termo. Em português, tornou-se retrato. (BASTOS, 2007).

fotográfico. Segundo Bastos (2007), o retrato a partir da pintura e das esculturas de bustos seria uma tentativa de reconhecimento e semelhança de uma imagem, uma representação pictorial. No entanto, “Ao olharmos um *portrait* [fotográfico] somos levados a identificá-lo com a presença virtual de um indivíduo, presença que é forte e imperativa ao olhar” (BASTOS, 2007, p.35). Esse foi nosso objetivo durante o ato fotográfico.

Trouxemos para este texto Cristiane, Mariana e Viviane, três das cinco professoras que participaram da pesquisa, em que se permitiram um processo de desrostificação da docência, conforme as expectativas socialmente criadas. Dessa forma, sugerimos a elas que se mostrassem em frente à câmera com vestimentas, objetos ou o que mais quisessem, de escolha livre, com a proposta de se apresentarem, representarem e autoapresentarem à vontade para as fotos, como gostariam de ser vistas e se darem a ver. O ensaio em estúdio funcionou como um *espaçotempo* para problematizar a rostidade, uma vez que “o rosto é uma política” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 55), uma forma de poder, que busca produzir subjetividades e saberes-fazer-poderes que orientam a vida e a docência.

Mariana: militância e religiosidade

Mariana dos Reis tem 36 anos, é pedagoga e professora de uma instituição federal de ensino para deficientes visuais, na Zona Sul do Rio. Ela milita pelas causas antirracistas e feministas, entendendo que as opressões são interseccionadas e que a estrutura racista e sexista da sociedade define o lugar da mulher negra. Entre seus relatos, fortes em vários momentos, Mariana mostrou sua força, enquanto mulher negra, dialogando com suas táticas cotidianas (CERTEAU, 2014) na escola e na vida para enfrentar as questões que envolvem gênero, raça e classe.

Ela conta que, na escola em que é docente, houve dois momentos em que sua imagem foi questionada: uma partiu de estudantes e das mães, quando ela passou pela transição capilar e ganhou peso – devido ao contexto do doutorado, segundo ela –; outra partiu de professoras de uma escola de Nova Iguaçu, onde ela trabalhava, por conta de suas posições políticas e da militância feminista. As professoras eram majoritariamente de religiões evangélicas, segundo ela, e a monitoravam pelas redes sociais, também questionando as fotos que postava. Ela ainda nos conta um pouco de sua trajetória como docente.

Eu começo a atuar, inicialmente, em contrato em escolas federais, CAP UFRJ, CAP UERJ, posteriormente, [Colégio] Pedro II, mas eu vejo uma realidade ainda distanciada do nosso Brasil, do sentido da escola pública. É quando eu passo em dois concursos da baixada [fluminense], um em Queimados e outro em Nova Iguaçu, na docência, de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, e orientação educacional em Queimados. Eu começo a sentir, realmente, o chão da escola pública ali. A gente via uma realidade da baixada muito evangélica, um alunado muito preto e, contraditoriamente, professores extremamente conservadores com relação a questões de gênero. Quando tinha a semana da consciência negra, que era

obrigatória, a gente percebia que eram celebrações muito estereotipadas, com equívocos dos conteúdos pedagógicos. É quando eu começo a ler, a fazer algumas disciplinas na universidade e abraçar essa causa da formação antirracista. (...) Porque o que a gente percebe é que são também alunos negros e filhos da classe trabalhadora, filhos de pais evangélicos que muitas vezes não vão querer, por exemplo, que você fale sobre tradições e cultura africana. Vão demonizar, vão marginalizar isso dentro da sala de aula. Então isso é uma questão muito forte.

Nas fotos, Mariana reforça sua narrativa de valorização da cultura negra, com roupas, acessórios, cenários e poses que remetem a sua negritude.

Figura 1: Mariana dos Reis



Foto: Máira Mello

Figura 2: Mariana dos Reis



Foto: Maíra Mello

Figura 3: Mariana dos Reis



Foto: Maíra Mello

Figura 4: Mariana dos Reis



Foto: Maíra Mello

Viviane e a cultura negra

Viviane Santos tem 32 anos, é formada em Letras Português/Espanhol. Durante a pesquisa, ela era professora de língua portuguesa e espanhola em uma escola estadual na Ilha do Governador, no município do Rio de Janeiro, e uma unidade federal no município de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Atualmente, Viviane é professora universitária de uma instituição federal na região centro-oeste do país. Ela narrou algumas situações pelas quais passou na infância, na escola, o que

a levou a querer ser professora, e as táticas que ela utiliza para uma prática docente diferente. Isso a faz ressignificar a imagem docente, afetando diretamente sua prática e o currículo praticado. Ao ser professora, no entanto, deparou-se com olhares de outras professoras e outros professores sobre sua aparência e vestimenta, pois ela valoriza sua beleza negra na escolha das roupas e dos acessórios que vai usar. Muitas vezes é questionada sobre a roupa que está usando para dar aula e também ao fato de ser capoeirista, envolvendo ainda a questão religiosa, mesmo ela não sendo de nenhuma religião de matriz africana. O fato de fazer capoeira e usar pulseira de búzios, por exemplo, desperta esse estigma nas(os) outras(os) professoras(es).

Eu vinha de uma realidade, de um lugar onde a maioria das pessoas são negras [Ilhéus/BA] e eu tive uma professora que resolveu contar a história da evolução humana, da criação do mundo de uma forma bem complicada. Tava na segunda série e ela disse que Deus tava criando o homem fazendo biscoitinhos, colocando no forno, e assim de cada fornada saía uma parte da humanidade. Mas em uma dessas fornadas o diabo resolveu brincar com Deus e o distraiu. Então nessa distração em que o diabo fez de propósito, a fornada queimou e foi assim que os negros nasceram. Então eu nasci de uma fornada queimada. Voltei pra casa chorando, perguntei a minha mãe se eu era distração do diabo, porque até então todos eram filhos de Deus, a fornada correta, e eu nasci da fornada errada. Eu passei por um processo de formação, de vivência, em que o racismo estava muito presente. Presente na família, presente na sociedade. E quando eu cheguei à escola pública, eu não me reconhecia como negra. Passei a adolescência achando que meu cabelo era muito feio. Eu cheguei à escola pública estadual, onde eu atuo hoje além da federal, e as minhas alunas falavam que meu cabelo era lindo, que eu deveria soltar, que eu deveria deixar livre. E ele agora é isso aqui. Né? Ta aí, ta solto. (...) E eu sou, além do fato de ser baiana, sou questionada se eu não sou macumbeira, umbandista, por conta de usar búzios, por conta de usar saia, por conta de fazer capoeira também, por conta de estar em ambientes de samba de roda, de jongo. Quando eu comecei a dar aula minha roupa padrão era calça, salto alto e blusinha de botãozinho para tá elegante pra dar aula. Só que não era eu ali. Eu nem conseguia circular pela sala direito com o salto. Então eu gosto de andar assim [ela mostra a roupa que está usando], mais livre. E eu acho que tá mudando, porque as meninas, principalmente, eu acho das meninas porque a questão do cabelo é latente entre as meninas, elas estão mudando também, estão se reconhecendo. E os professores que incentivam isso fazem com o que elas vão replicando essa ideia que você tem que ser do jeito que você é, bonita do jeito que você é, usar o que você quer.

A narrativa fabulada por Viviane nas imagens produzidas durante o ensaio, traduz a transformação pela qual passou para se aceitar enquanto mulher negra, a partir da valorização de seu cabelo e das práticas fora da escola, como roda de jongo e capoeira. Viviane se apresentou no ensaio fotográfico com o tipo de roupa sobre a qual já foi questionada em usar na escola, com os adereços, e suas atividades extratrabalho. No entanto, sabemos que a formação permanente dos professores se tece em redes, no cruzamento dos *saberes-fazeres* criados nos diferentes contextos em

que as pessoas vivem e *aprendem* sinam. Formam-se e formam. No caso de Viviane, essa rede aconteceu na relação dela com suas estudantes, como também nesses outros espaços culturais.

Figura 5: Viviane Santos



Foto: Máira Mello

Figura 6: Viviane Santos



Foto: Maíra Mello

Figura 7: Viviane Santos



Foto: Maíra Mello

Figura 8: Viviane Santos



Foto: Maíra Mello

Cristiane e a mulher negra nas Exatas

Cristiane Marcelino tem 44 anos, é professora de Informática Educativa de um colégio federal, em São Cristóvão, Zona Norte do Rio. Indo na contramão de tudo que a sociedade e a família esperavam para seu futuro, ela fez curso de eletrônica no Ensino Médio e trabalhou durante um tempo com manutenção de computadores. Na

faculdade, optou por Matemática, quando seu pai esperava que ela fosse secretária. E foi durante a graduação, na licenciatura, que ela sentiu o 'chamado' para a docência.

Ela levou para o ensaio alguns objetos que compõem sua vida: livros infantis, com histórias étnico-raciais, os quais ela lê para seus filhos e indica para a escola deles; um laptop para representar a área em que trabalha na docência: a informática educativa; e um microfone, pois ela é vocalista de uma banda na igreja a qual frequenta: *A música me ajudou também a aprender a falar, aprender a mostrar que eu posso também* (ela faz um movimento de respiro/alívio).

O ser mais escuro faz muita diferença sim. Eu era tutora do Cederj, em Nova Iguaçu. Em frente ao polo em que eu trabalhava tinha uma pastelaria. Um dia eu descii para comprar um pastel. Na época meu cabelo estava liso, andava sobrea, de salto alto. Fui comprar o pastel. E conversando com a atendente eu falei: eu trabalho nesse prédio aqui em frente. "É mesmo? Nossa! Mas não é muita coisa pra você esse prédio?" Ela achou que eu era a faxineira do prédio. Então eu sempre fiquei pensando nisso assim: não era meu cabelo alisado que ia fazer diferença, não era o fato de...eu tava muito arrumada, porque às vezes perguntam: você estava arrumada? Como eu tenho a pele bem escura, eu sou faxineira. E na época eu respondi: não. Eu não uso todo o prédio não. Eu tenho uma sala com ar condicionado e eu atendo meus alunos e dou conta. Aí ela não entendeu.

Quanto mais escura é a pele, mas as pessoas olham pra gente. E essa coisa da Exatas então, ninguém acredita que eu sou professora de matemática.

Eu canto, eu sou cantora, eu canto na igreja, eu tenho uma banda...quando eu era criança, a coisa da timidez, com o meu cabelo alisado eu sempre me senti muito menor do que eu podia. A música me ajudou também a (ela faz um sim de respiro/alívio), aprender a falar, aprender a mostrar que eu posso também. Eu acho que de alguma forma se a gente conseguir fazer com que essas meninas pequenas percebam através da Cristiane que é professora, que é negra, que passou pelas mesmas dificuldades que para elas também rola, acho que vai ser bem bacana.(...) Quando eu era criança eu sofria em relação ao meu cabelo, eu sofria em relação à minha cor. Meu cabelo hoje é black, mas quando eu era criança minha mãe passava henê. Fiz minha matemática. Entrei nas escolas estaduais para dar aula, mas ainda assim ficava uma angustia porque menina, negra, exatas, matemática... (...) Trabalhar matemática, mas pensar na questão do empoderamento, na questão do lugar que eu tenho enquanto menina, enquanto mulher, enquanto negra, negra de cabelo black sim. (...) Professora de português e matemática são muito cobradas, porque o que dá resultado é isso. Artes, não dá resultado nenhum. E eu falei: cara, vou ter que sair desse caminho. Aí fui por um outro caminho. Descobri na informática educativa um outro jeito de trabalhar e trabalhar com projetos.

Figura 9: Cristiane Marcelino



Foto: Máira Mello

Figura 10: Cristiane Marcelino



Foto: Maíra Mello

Figura 11: Cristiane Marcelino



Foto: Maíra Mello

Figura 12: Cristiane Marcelino



Foto: Maíra Mello

Por meio das imagens produzidas durante os ensaios questionamos: uma professora negra é vista e recebida da mesma forma que uma branca? Uma mulher negra é percebida enquanto professora? De qual imagem de professora estamos falando? Qual imagem estamos produzindo, compartilhando e perpetuando? Ela é homogênea? Dá conta de todas as subjetividades? E quando atribuíamos a essa imagem docente feminina a questão racial? A partir desses pontos, pensamos juntas sobre o que é discutido como relativo ao feminino, com e para além da docência; e como a questão racial está implicada nas práticas docentes delas. O estúdio e o processo dos ensaios foram *espaçotempos* também para pensarmos corpos-imagens-potência.

As nossas interlocutoras mostram que ao mesmo tempo em que seus corpos femininos negros/racializados causam incômodos nos *espaçotempos* familiares,

escolares e sociais, elas também são praticantes ativas na tessitura de conhecimentos e ressignificações nas redes educativas cotidianas acerca das questões raciais e de gênero, sendo *praticantespensantes* tecendo as *políticaspráticas* (OLIVEIRA, 2013) cotidianas, problematizando e quebrando paradigmas. Por isso, a educação foi e é tão importante na luta antirracista.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Tecer conhecimentos em rede. In: ALVES, N. & GARCIA, R. L. (org.). *O sentido da Escola*. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2008.
- _____. Redes Educativas 'dentrofora' das escolas, exemplificadas pela formação de professores. In: SANTOS, Lucíola, DALBEN, Ângela e LEAL, Júlio Diniz Leiva (Orgs.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: Currículo, Ensino de Educação Física, Ensino de Geografia, Ensino de História, Escola, Família e Comunidade*. 66 ed. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2010.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BASTOS, Maria Teresa Ferreira. *Uma investigação na intimidade do portrait fotográfico*. 2007. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras do Departamento de Letras da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2007.
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Org.). *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano, 2003.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2*. Vol. 3. São Paulo: Editora 34. 2012.
- GOMES, Nilma Lino. *Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade*. In: Cadernos Pagu, (6-7) 1996: pp.67-82.
- GONÇALVES, Marco Antonio; HEAD, Scott (Org.). *Devires imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.
- KASTRUP, Virgínia. *A Invenção de si e do mundo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- _____. *Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre*. In: Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1273-1288, Set./Dez. 2005.

KILPP, Suzana. Imagens conectivas da cultura. In: Kilpp, Suzana; SILVA, Alexandre Rocha da; ROSÁRIO, Nísia Martins do. (Orgs.). *Audiovisualidades da cultura*. Porto Alegre: Entremeios. 2010.

OLIVEIRA, Inês Barbosa De. *Currículo e processos de aprendizagemensino: políticaspráticas* Educacionais Cotidianas. In: *Currículo sem Fronteiras*, v. 13, n. 3, p. 375-391, set./dez. 2013.

SOARES, Conceição; PAIVA, Vanessa; FONSECA, João. *Selfie* e a tessitura de imagens e currículos *individuaiscoletivos* com as redes educativas. In: *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, Salvador, v. 02. n. 06, p. 549-564, set/dez 2017.

_____. *O audiovisual como dispositivo de pesquisa nos/com os cotidianos da escola*. Dossiê: *Encontros com Imagens, Pesquisa e Educação*, v. 14 n. 1, 2016.